

JORGE (LUIS) BORGES, O GUARDIÃO DE BABEL.*

RUTH SILVIANO BRANDÃO LOPES**

RESUMO

Análise comparativa entre "A Biblioteca de Babel" de Jorge Luis Borges e O nome da rosa de Umberto Eco, destacando-se não só os elementos temáticos, como também a estrutura narrativa e a reflexão sobre a materialidade do ato da escritura, do discurso e da leitura, como formas de poder e saber filosófico e político.

RÉSUMÉ

Dans cet article, nous faisons une analyse comparative de "A Biblioteca de Babel", de J.L. Borges, et O nome da rosa de Umberto Eco, en mettant l'accent non seulement sur les éléments thématiques, mais aussi sur la structure narrative. Nous essayons également de réfléchir sur la matérialité de l'acte de l'écriture, du discours et de la lecture, en tant que formes de pouvoir et de savoir philosophique et politique.

* Trabalho apresentado no Curso de Doutorado em Letras, na disciplina "Literatura Comparada: a tradução", sob a orientação dos Professores Eneida Maria de Souza e Lauro Belchior Mendes; comunicação apresentada na Mesa-redonda "Homenagem a Borges", no 2º Simpósio de Literatura Comparada, realizado em Belo Horizonte, de 20 a 24 de out. de 1986.

** Professora de Literatura Brasileira da FALE/UFMG.

"Sempre imaginei o Paraíso como
 uma espécie de biblioteca."
 (Borges, J.L. Sete Noites)

Impossível falar de Borges sem repetir sua própria fala, suas obsessões, sem ser perseguido pelos seus fantasmas, em trsr em seu universo-biblioteca¹, onde os livros são entidades autônomas, seres que remetem a nada que não sejam eles mesmos. Em sua multiplicidade, fecundidade do idêntico, geram toda espécie de construção por empilhamento: s biblioteca, suas prateleiras, estantes, andares. Verticalidade vertiginosa que se cruza num certo ponto com a horizontalidade imóvel, uma produzindo a outra, paradoxalmente, a psrtir dos centros de cada hexágono ventilado por um vazio que, entretsnro, se agita como um vento louco, esses "vastos poços de ventilação" ou enormes fissuras, rachaduras que expõem a não plenitude do ilimitado, suas brechas, suas faltas.

Vazio sempre preenchido por objetos alucinsdos -- livros -- nascidos da ausência de um criador, gerados pela fala de miúrgica do autor/narrador, sempre duplo e dúbio. Duplo, porque Borges autor sempre se intromete na sua criação, retira a possibilidade de o leitor liberar o imaginário de suas defesas e deixar-se colar ao discurso do narrsdor ficcional, condição de identificação apaziguadors. Autor Borges, nsrrsdor quem? Desta fals (ou falas) surgem todos os paradoxos, todas as incompreensões e contradições entre o real e a ficção. Afinal em que inatância se coloca o desnorteado leitor, já que lhe é retirada a possibilidade de negação (verneinung), para que ele se instale no mundo do imaginário, confortavelmente? Se o próprio teatro e exige esta condição para se produzirem as identificações², sem risco de loucura e ns loucura submergem muitas vezea os habitantes dessa estranha biblioteca de Babel. O leitor de Borges se contrai e se retrai, indo e vindo da ficção para o real, entre-lugar, lâmina do espelho, lugar de ganhos e perdaa, da alucinação (onde se crê recuperar o perdido).

Essa oscilação vai de um eu narrador real para um eu narrador literário, mítico e místico, malabarista e enganador. A identificação necessária para que o leitor entre no eapao textual, penetre no espelho é sempre desfocada, descoincidente, tods hora eacapando para um pé de página trapaceiro, armadilha de Borges, autor de burlas e paeudo-ensaios³, meatre daa varia-

ções e distorções, mágico ilusionista. Daí o irônico jogo de esconde/esconde, em que os circuitos se desencontram, sujeito da escritura e sujeito da leitura sempre em canais diversos. Propósito perversão do escritor que descontrola os mecanismos e os condicionamentos de leitura de seu trapaceado e fascinado leitor, para sempre hipnotizado por seu olhar e sua voz. Leitor que ocupa um lugar flutuante, lugar de escrita, da leitura, duplo de Borges, sem o saber. Lugar de um destinatário abstrato, que funda a existência do sujeito falante, caçador de certezas, com respostas nunca satisfeitas. Duplo, reduzido à imagem do Autor, sem Nome próprio⁴, passivo, lugar vazio, como o analista que oferece sua orelha labirinto, onde circunvoem as frases, os significantes que vão modular, modelar o sujeito falante, enovelado em sua fala. Leitor ouvinte de um narrador lúdico, ávido de sua própria palavra, oral, insaciável, autofágico. A todo momento captura a atenção desse leitor, certificando-se de sua presença/ausência (a criança e a mãe), com suas notas ao pé de página que o fazem magicamente desaparecer e aparecer, mimetizando a dialética do fort/da, jogando e confundindo ficção e real. É esse jogo que se expõe no texto de Borges, na superfície mesmo da linguagem, já que nenhuma história é contada. Não há trama, nada a oferecer para seduzir, senão o falar incessante, a descrição incompleta, mantendo o leitor ávido, insatisfeito. Assim é, porque a Biblioteca é infinita e alucinatória, lugar de objetos perdidos, inscrições apagadas e a tentativa sempre repetida de recuperar um texto original, fantasioso. Há sempre um significante primeiro que se perdeu, ele mesmo nascido seguramente do prazer ou da dor, para sempre esquecidos. Irrepresentáveis, como os livros preciosos encerrados em alguma incerta prateleira inacessível e sempre procurada nos labirintos da Biblioteca. E nesses labirintos ecoam vozes plenas de certezas e falácias, trilhas de enganos e desesperanças. Confusão de línguas, Babel: a vitória de Deus, do pai ausente.

Deus vindicativo, enganoso, que legou a multiplicidade das línguas (dom ambíguo) a seus filhos, não deixando nenhum poder a eles, além do poder louco, nascido da carência, de correr pelos labirintos da significação, sem achar nenhum sentido nenhum centro verdadeiro:

⁴ (Sei de uma região agreste cujos bibliotecários repudiam o costume superatício e vão de procurar sen-

tidos nos livros e o equiparam ao de procurá-lo nos sonhos ou nas linhas caóticas da mão...)" (ABB p. 87).

Precipitado movimento que se reduz a pura imobilidade, pois todas as pistas são falsas. Paradoxo de Aquiles e a tartaruga: não se chega nunca a lugar nenhum.

"O movimento é impossível (argumenta Zenon) pois o móbil deve atravessar o meio para chegar ao fim, e antes o meio do meio, e antes..."⁵

"Também na Biblioteca 'alguém propôs um método regressivo: para localizar o livro A, consultar previamente um livro B, que indique o lugar de A; para localizar o livro B, consultar previamente um livro C, e assim até o infinito'..." (ABB. p. 92)

Gosto de Borges pelos paradoxos que levam à desesperança do conhecimento, das certezas, de todo centro, toda origem e do Um. Toda busca reduz-se a um jogo persecutório, para nãode, maquinismo acionado pela esperança inútil de encontrar o livro único, a língua única, o idioma inaudito. Livro único, anônimo das traduções, dos erros, gagueiras, todas as afasias: herança de Deus ou do pai de Borges? Borges, escritor por destino familiar, para compensar a cegueira do pai:

"Tenho outro projeto que esteve pendente por um período de tempo ainda mais longo - o de revisar e talvez reescrever o romance de meu pai, O Caudilho, conforme me pediu anos atrás."⁶

O desejo louco, as buscas incessantes em direção ao centro perdido, ao nome pré-babélico jogam os habitantes desse espaço geométrico e infinito que é a Biblioteca Universo para a direita, para a esquerda - os caminhos se bifurcam - para o futuro, para o passado, como Alice. A lógica de Lewis Carroll, lógica do labirinto da Biblioteca, lugar onde Borges conheceu Babel:

"Em casa, tanto o inglês como o espanhol eram comumente usados. Se me pedissem para nomear o acontecimento mais importante de minha vida, eu diria a biblioteca de meu pai. Na realidade, às vezes penso que nunca me perdi fora daquela biblioteca."⁷

Só o sentido. Os sentidos, esses Borges perdeu fora da biblioteca, após o acidente na escada⁸. Talvez uma escada espiralada, sem degraus, como aquelas que matam os inquisidores da sua Biblioteca babélica. (ABB. p. 90).

O fio narrativo puxado pelo narrador, esse eu administrador de hexágonos, Teseu tornado guardião de livros, burocrata, funcionário público (Sou o que custodia os livros)⁹ não encontra a saída do labirinto da Biblioteca. Babel de muitas línguas, da avó inglesa, do pai, de Deus Pai¹⁰, detentor da língua única e ciumento dela: a mãe é só do pai, os filhos que se conformem, se confundam e entrem na floresta do simbólico. A eles, a alegria de buscar o pai nas profecias, nas pistas falsas, nas escrituras rasuradas, reescritas (o filho escreve o livro do pai, oferece-lhe metáforas, ao pai, que controla o livro do filho). A potência do falso se atualiza e se pereniza pelo próprio poder de imitar, de corrigir, reescrever, explicar, catalogar erros que se multiplicam, pois se afastam da origem, do centro, ao se sair do "doce hexágono natal", materno. A língua da mãe é sempre suspeita, é preciso superá-la, livrar-se de sua doçura, da lembrança do corpo materno e seus signos, de todos os gozos, de onde não se quer sair, balbucios que se querem perpetuar, o espelho das delícias que não se querem abandonar.

A multiplicação proposital de erros e enganos diverte Borges, escritor babélico, herdeiro de uma família literária que tem o fascínio da palavra, que administra bem a herança de Babel, no jogo das várias línguas, seu prazer e seu dom maior, habitantes autóctones de Bibliotecas, conhecedores e amantes de seus labirintos, suas armadilhas e sua complexa estrutura.

O leitor de Borges também acaba se instalando em sua Biblioteca que não se deixa ler, sempre mediada por decifradores, investigadores oficiais, purificadores, detentores de uma parcela desse saber poder de que se julgam únicos proprietários, mas que são, ao contrário, propriedades, atributos desse lugar que se caracteriza por sua não-domesticidade, sua não-legibilidade.

Biblioteca - lugar dos livros, saber morto da escritura, invenção ambígua de Thot, o deus que perdeu o controle de sua criação substituta da memória, este arquivo vivo, pululante, pulsional. Em seu lugar, a morte que não morre, a morte do pai do logos, causador desse jogo compensatório que é a escritura

ra. "A certeza de que tudo que está escrito nos anula e nos fantasmagoriza" (ABB. p. 93) - réplica da voz, do desejo que pulsa aqui e agora, do sujeito falante que se pretende dono de suas certezas. Puro simulacro, negatividade e positividade desse artefato mágico, produtor de um excesso de significantes loucos, autônomos, sempre querendo se ancorar em bons significados: tarefa fadada ao fracasso, inconclusa, imperfeita.

Impossível não associar a Biblioteca de Borges à Biblioteca também babélica de Umberto Eco, em O nome da rosa¹¹, um mundo onde o saber se multiplica, lugar proibido, reserva de saber, labirinto de livros. Como a Biblioteca de Borges, a biblioteca dessa mal localizada abadia é habitada por escribas, de cifradores, copistas, miniaturistas, por toda uma hierarquia de monges funcionários que também custodiam os livros e fazem deles suas vidas. Por causa deles viajam, deslocam-se, saem de seu doce hexágono natal. Lá também circula um segredo, privilégio de alguns, tesouro de sabedoria, que, no entanto, como todo tesouro deve permanecer encoberto pois

"nem todas as verdades são para todos os ouvidos." (ONR. p. 53). "A biblioteca defende-se por si, insondável como a verdade que abriga, enganadora como a mentira que guarda. Labirinto espiritual, é também o labirinto terreno." (ONR. p. 55).

Labirintos difíceis de se deixarem desenhar, infinitos ou incompletos, complexos. Impossível circunscrever o formato da Biblioteca de Babel - texto e espaço ficcional. A planta baixa da Biblioteca de Borges, do universo, do livro, do texto chama o olhar que vai de cima para baixo numa tentativa de fixação de limites, possibilidade de leitura, decifração que ordene o incompreensível e que, no entanto, se frustra, na medida em que sua geometria é a do infinito. Não há como delinear o formato da biblioteca e seus hexágonos sem fim, dos livros, das páginas que se alongam nos pés da página. A planta baixa se desfaz por pura impossibilidade de deter a biblioteca, limitar a proliferação dos textos, das traduções, das correções, dos catálogos. "A biblioteca é tão imensa, que toda redução de origem humana resulta infinitesimal." (ABB. p. 91). Os corredores se multiplicam, se auto-reproduzem, o caos não consegue se transformar em cosmo, na desordem da multiplicidade que é paradoxalmente nostalgia do Um. Daí os assassinatos, suicídios, enfermidades, ao

pé da página.

O que torna as Bibliotecas tão próximas e os textos que se referem a elas tão simétricos é seu caráter alegórico de universo, lugar de um saber protegido a sete chaves, misterioso e inacessível, submetido a um poder difícil de se localizar. Em O nome da rosa cada bibliotecário transmite o segredo da planta da biblioteca a seu sucessor e só a ele que, por sua vez, o guarda, ciumento. Lugar do profano e do sagrado, aí ressoa a presença contraditória de um Deus desconhecido, porque sempre traduzido, sempre comunicado de segunda mão e o caminho que leva a Ele caracterizado por trilhas falsas, escadas em espiral, corredores sem saída, espelhos imprevistos. Labirintos. A paixão de Borges e Umberto Eco, para quem existem três tipos de labirinto. Um deles é a rede:

"Finalmente existe a rede, ou seja, aquilo que Deleuze e Guattari chamam de rizoma. O rizoma é feito de modo que cada caminho possa ligar-se com qualquer outro. Não tem centro, não tem periferia, não tem saída, porque é potencialmente infinito. O espaço da conjectura é um espaço de rizoma. O labirinto de minha biblioteca é ainda um labirinto maneirista, mas o mundo em que Guilherme pensa viver já é estruturado em forma de rizoma: ou melhor, é estruturável, mas nunca definitivamente estruturado."¹²

Rede, rizoma, assim é a biblioteca de Babel, nunca definitivamente estruturada. Sempre se alongando, como os paradoxos e os raciocínios e voltas que se dão em torno deles, como faz Borges. E a biblioteca da abadia que também se acresce de uma saída com o Pós-escrito a O nome da rosa, catálogo de catálogo, o gozo de escrever se prolongando, não se deixando perder. Labirinto maneirista ou rizoma esse livro, O nome da rosa, sobre o manuscrito de Dom Adso de Melk faz parte talvez da "Biblioteca de Babel", tão semelhante que é aos livros que a constituem, pela sua construção e seu estranho conteúdo, "porque esta é uma história de livros" (ONR, p. 16). Também a localização espacial da biblioteca da abadia onde ocorrem os acontecimentos relatados por Adso é incerta, seus limites são difíceis de serem traçados, seu desenho se perde na imprecisão das fronteiras entre Itália e França. Isto por decisão do próprio narrador que se cala sobre este dado e obriga o tradutor a tecer conjecturas, que, por mais plausíveis que sejam, são sempre hipóteses, incertezas.

Personagens principais, os livros são objetos que têm um valor em si, preciosidades, tesouros, portadores de enigmas, talvez. Manuscrito de manuscrito - O nome da rosa - tradução engendrada pela paixão ao original (impossível a coincidência com o original, a pura semelhança, o igual, mas mesmo assim...), dificuldades e tropeços na busca do livro verdadeiro. Busca cheia de excitação e fascínio, de paixão amorosa que acaba por "um grande vazio no coração" oriundo da perda do objeto amoroso (do autor Eco, do narrador?)¹¹. Desvios, deslocamentos, como o trajeto de um grande discurso histórico, fantasmático e fantasmagórico, cheio de vozes e ecos, cujas fontes estão para sempre perdidas, mas sempre referidas, citadas:

"Tratava-se da tradução do já inencontrável original em língua georgiana (Thilissi, 1934) e ali, para minha grande surpresa, li copiosas citações do manuscrito de Adso, salvo que a fonte não era nem o Vallet nem o Mabillon, mas o padre Athanasius Kircher (mas qual obra?)" (ONR. p. 13)

As memórias de Adso são análogas aos eventos narrados, com seus mistérios, falhas, idas e voltas, afirma Eco. Mesma textura dos livros da Biblioteca de Borges: textos engendrados por outros textos, com um passado, como os discursos da memória, sempre obscuros, sujeitos a erros, correções, versões, novas versões. O leitor que preencha as incongruências, os vazios, se for capaz.

"Um manuscrito, naturalmente" de O nome da rosa, como os textos de Borges, sofre da mesma obsessão que é a constituição do livro, na sua materialidade, seus percursos, desvios, erros, falácias, "infinitos reparos" (ONR. p. 15). A perseguição dos mesmos objetivos, a esperança de encontrar a verdade, apesar de se expor o processo textual na sua concretude de cópia, sujeita a falha, já que manuscrita, escrita à mão, metonímia do corpo, sempre pronto a falar através de seus sintomas, a mostrar suas dores, exibir suas paixões, como quem quer se esconder, mas se expõe pelos atos falhos, lacunas proposições, armadilhas, segundas intenções sempre camufladas. O corpo que se debruça sobre o papel, com seu peso, traça seu ritmo através de seus traços, mediatiza pelos instrumentos de que se serve sua própria pulsação e sua disritmia, seus anseios mal domados: "Concluindo, estou cheio de dúvidas. Não sei exatamente por que me

decidi a criar coragem e apresentar como se fosse autêntico o manuscrito de Adso de Melk. Digamos, um gesto apaixonado" (ONR, p. 15) e, como os monges da abadia envolvidos em seus hábitos que protegem mas não anulam suas paixões, Eco e Borges constroem textos por "puro amor à escritura". "E digo escritura não no sentido de Barthes, mas no sentido do datilógrafo, falo da escritura como ato material, físico. E estou falando de ritmos do corpo, não de emoções."¹³

Amor à escritura e às bibliotecas une Borges e o Jorge de Eco, aquele que consola a biblioteca da abadia, mestre de labirintos e espelho que distorcem a realidade e provocam enganos entre o ser e o parecer. Guardião cego do saber, imerso numa escuridão que de alguma forma o ilumina como a um Tirésias irônico, conhecedor das profecias do Apocalipse, controlador do futuro, ciumento de seu livro único (talvez aquele que se perdeu na Biblioteca de Babel). Livro amado e temido que já não pode ler, mas pode fazer pulsar na memória como algo odiado mas fascinante, atributo de um saber perigoso e ameaçador, capaz de inverter a função das verdades sagradas e a ordem do universo.

Durante sete dias, frei Guilherme de Baskerville procura decifrar a sedução diabólica de Jorge que mata para proteger a biblioteca onde está o segundo livro da Poética de Aristóteles, sobre o riso, esse veneno contra o bom saber, fecundador de todas as heresias e todos os escândalos. Jorge e Borges, aqueles que seduzem os leitores, envenenando-os com um discurso mortífero, esse pharmakon que é a escritura, essa instância do simbólico que é a morte do real.

Jorge é Borges, conforme proclama Eco, no catálogo dos catálogos que é o Pós-escrito a O nome da rosa:

"Todos me perguntam por que o meu Jorge, pelo nome, e voca Borges, e por que Borges é tão perverso. Mas eu não sei. Eu queria um cego como guardião de uma biblioteca (o que me parecia uma boa idéia narrativa) e biblioteca mais cego só pode dar Borges, mesmo porque as dívidas se pagam. E, depois, é mediante comentários e miniaturas espanholas que o Apocalipse influencia toda a Idade Média. Mas quando coloquei Jorge na biblioteca, ainda não sabia que ele era o assassino. Ele fez tudo sozinho, por assim dizer."¹⁴

Entretanto, Borges é Adso também, aquele que quer ser "testemunha transparente", mas sabe, como o narrador da Biblioteca de Babel, que é duro o ofício de traduzir os acontecimen -

tos e que tudo é tradução e Babel e que "videmus nunc per speculum et in aenigmate e a verdade ao invés de cara a cara, manifesta-se deixando às vezes rastros (ai, quão, ilegíveis) no erro do mundo (...)" (ONR. p. 21).

NOTAS

- 1 BORGES, J.L. "A biblioteca de Babel". In:—. Ficções. São Paulo, Abril Cultural, 1972. A referência ao texto será feita com a seguinte abreviação: ABB.
- 2 Sobre o problema da negação do espectador diante do espetáculo teatral: MANNONI, O. À ilusão cômica ou o teatro do ponto de vista do imaginário. In:—. Chaves para o imaginário. Petrópolis, Vozes, 1973.
- 3 O próprio Borges fala de alguns trabalhos seus como burla e pseudo ensaio: BORGES, J.L. Elogio da sombra. Perfis. Porto Alegre, Ed. Globo, 1977. p. 102.
- 4 Sobre o Nome próprio no processo psicanalítico que é também um processo de enunciação: DERRIDA, J. Table ronde sur la traduction. In:—. L'oreille de l'autre. Textes et débats. Montréal, VLB ed., 2º trimestre 1982. p. 129.
- 5 BORGES, J.L. Avatares da tartaruga. In:—. Discussão. São Paulo, Difel, 1985. p. 96.
- 6 BORGES, J.L. Elogio da sombra. Perfis. Op. cit. p. 123.
- 7 Idem, ibidem. p. 71.
- 8 Idem, ibidem. p. 106.
- 9 Idem, ibidem. p. 33.
- 10 Sobre o motivo de Babel, cf. resposta de Derrida a Patrick Mahony: DERRIDA, J. Table ronde sur la traduction. In:—. L'oreille de l'autre. Op. cit. p. 132-8.
- 11 ECO, Umberto. O nome da rosa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983. A referência ao texto será feita com a seguinte abreviação: ONR.
- 12 ECO, Umberto. Pós-escrito a O nome da rosa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. p. 47.
- 13 Idem, ibidem. p. 39.
- 14 Idem, ibidem. p. 26